

## RESISTÊNCIA NO CIRCUITO INTEGRADO:

### HACKERS, CIBORGUES E MEMÓRIA EM WILLIAM GIBSON

Eduardo Andrade Barbosa de Castro

*Universidade Federal Fluminense*

**RESUMO:** A partir do "Manifesto ciborgue" de Donna Haraway, concernente ao caráter fragmentado e híbrido do ser humano na modernidade tardia, buscarei, em contos de William Gibson, elementos que ilustram o conceito de ciborgue desenvolvido por Haraway. Segundo a bióloga, é essencial romper com conceitos binários hierárquicos – como natural-artificial, homem-animal, homem-máquina – para pensarmos o mundo a partir de um novo paradigma. Somos todos ciborgues, segundo Haraway, pois, assim como nossa memória é (a cada dia mais) fragmentada, nossos corpos também sofrem mudanças drásticas desde pelo menos a Revolução Industrial, quando o caráter mecanizado do ser humano foi salientado nas linhas de produção. Nos anos 1980, com a popularização da informática, novos horizontes nos foram expostos, e o limite entre o real e o virtual assume os contornos de uma linha tênue. Não por acaso, nessa década ocorre a publicação tanto do manifesto de Haraway como também do romance *Neuromancer*, de Gibson, que introduz o termo *cyberspace* no imaginário literário. O ciborgue atravessa o limiar entre a ficção científica e a realidade, à medida que intervenções cirúrgicas de modificação corporal se tornam lugar-comum na medicina. A proposta de Haraway, no entanto, é tirar esse ser híbrido do lugar da mera tecnologia e assimilá-lo como um discurso contra os dualismos perversos que mantêm as desigualdades do status quo.

**Palavras-chaves:** ficção científica; ciborgue; hacker; ativismo

**ABSTRACT:** Having as a starting point Donna Haraway's "A Cyborg Manifesto", which deals with the fragmented, hybrid aspect of the human being in the late modernity, I will examine two short stories by William Gibson for elements that illustrate Haraway's concept of cyborg. According to the biologist, it is essential to break from hierarchical dualisms – such as natural-artificial, human-animal, human-machine – in order to think about a brand new paradigm for the world. We are all cyborgs, according to Haraway, because, as our memory is (at each day more and more) fragmented, so our bodies suffer severe modifications since at least the Industrial Revolution, when the mechanized aspect of the human being was highlighted in the production lines. In the 1980's, with the spread of personal computers, we discovered new horizons, and the boundary between real and virtual becomes but a thin line. Not by chance, it was in the 80's that not only Haraway published her manifesto, but also Gibson published his novel *Neuromancer*, introducing the word "cyberspace" in literature. The cyborg crosses the threshold between science fiction and reality, inasmuch as body modification surgeries become commonplace in the medical field. Haraway's proposition, however, is to save this hybrid being from the realm of mere technology and to assimilate it as a discourse against the perverse dualisms that maintain the inequalities of the status quo alive.

**Keywords:** science fiction; cyborg; hacker; activism

## 1. Introdução

Apocalipse, caos, destruição, fim do mundo; ou revelação, caos, ciborgues, fim do mundo como o conhecemos: há quem diga que a cada dia nós nos aproximamos mais e mais do nosso fim, seja nosso fim individual, seja nosso fim como espécie. O primeiro é, de fato, inevitável, já o segundo permanece uma incógnita, embora se argumente que toda a conjuntura atual contribui para nosso desaparecimento coletivo. No entanto, isso não procede no contexto da ficção científica fílmica e literária, assim como na teoria de Donna Haraway, que segue a tradição utópica "de se imaginar um mundo sem gênero, que talvez será um mundo sem gênese, mas, talvez, também, um mundo sem fim" (HARAWAY, 2009, p. 37-38). Nossa saída para esse ciclo "natural" de vida e morte, seja como indivíduos, seja como espécie, pode ser aceitar o hibridismo com nossas máquinas. A bióloga argumenta que o final do século XX foi "povoado" por máquinas que "tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado, podendo-se dizer o mesmo de muitas outras distinções que se costumavam aplicar aos organismos e às máquinas" (HARAWAY, 2009, p. 42).

A ficção científica explorou à exaustão as relações entre os humanos e as máquinas, sejam estas espaçonaves, máquinas do tempo, robôs, dispositivos eletrônicos e mil outras imagináveis e inimagináveis invenções. O escritor Bruce Sterling, em seu prefácio à coletânea de contos *Burning Chrome*, de William Gibson, menciona três fatores que ele considerou fundamentais para definir a ficção científica que seria produzida a partir dos anos 1980 do século XX: a cibernética, a biotecnologia e as redes de comunicações. Na mesma década, não por acaso, Donna Haraway publica a primeira versão de seu "Manifesto ciborgue", deixando uma marca indelével nas humanidades ao alertar para o poder da tecnologia como instrumento de resistência contra forças

opressoras, como os contos de Gibson "Johnny Mnemonic" e "Burning Chrome" revelarão.

Segundo Haraway,

[um] ciborgue é um organismo cibernético, um **híbrido** de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma **ficção capaz de mudar o mundo**. (HARAWAY, 2009, p. 36, grifos meus)

Os dois trechos grifados acima guiarão nossa trajetória, que, embora relativamente utópica, será alimentada por um input pós-apocalíptico (a ambientação de ambos os contos de Gibson).

O hibridismo inerente ao ciborgue é interpretado como uma vantagem para Haraway, que celebra essa existência de fronteira e reivindica a figura do ciborgue, típica das narrativas distópicas do cyberpunk, para argumentar "em favor do prazer da confusão de fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção" (HARAWAY, 2009, p. 37). Os dois vocábulos grifados pela autora orientam sua argumentação, pois ela imagina uma utopia na qual o ciborgue, o filho ilegítimo "do militarismo e do capitalismo patriarcal" (HARAWAY, 2009, p. 40) é transformado num símbolo de resistência socialista-feminista. A proposta de Haraway é assimilar esse ser híbrido e usá-lo como um discurso contra os binarismos perversos que mantêm as desigualdades do status quo. Ela discute as três quebras de fronteira que, em sua opinião, reconfiguram o pensamento ocidental no final do século XX: a fronteira entre o homem e o animal, entre o organismo e a máquina, e entre o físico e o não físico. Ambos os contos de William Gibson, assim como o filme Johnny Mnemonic (1995),

baseado no conto homônimo, ilustram tais rupturas e trazem questionamentos concernentes às mesmas.

## **2. Ciborgues, hackers e resistência**

Tanto o narrador de "Johnny Mnemonic" quanto o de "Burning Chrome" são ciborgues; seus próprios nomes já indicam essa característica: Johnny Mnemonic e Automatic Jack, respectivamente. Johnny é um "mensageiro mnemônico" (mnemonic courier): ele é pago para transportar dados confidenciais armazenados temporariamente num chip implantado em seu cérebro, embora ele mesmo não tenha acesso aos dados criptografados. Ao se deparar com uma situação de perigo durante um serviço, Johnny percebe que precisa extrair os dados para sua própria segurança, e uma série de ocorrências o leva até Jones, um golfinho ciborgue que será capaz de quebrar a senha de acesso dos dados armazenados em Johnny. A partir de uma descrição feita pelo narrador-personagem, poderemos traçar um paralelo com o texto de Haraway: "Ele era mais que um golfinho, mas, sob o ponto de vista de outro golfinho, poderia parecer menos. Fiquei observando seus rodopios preguiçosos dentro do tanque galvanizado. A água espirrava e molhava meus sapatos. Ele era um excedente da última guerra. Um ciborgue" (GIBSON, 2003, p. 10).

Jones é um híbrido de golfinho e máquina, um ciborgue; ele se comunica com os ciborgues humanos por meio de sensores e monitores e é tratado como semelhante por eles: "Tenho um amigo que foi da marinha, o seu nome é Jones" (op.cit.) . Esse personagem traz à tona duas das quebras de fronteiras descritas por Haraway: entre o humano e o animal e entre o organismo e a máquina – Jones incorpora o embaçamento entre essas fronteiras. Donna Haraway argumenta que "caíram as últimas fortalezas da defesa do privilégio da singularidade humana – a linguagem, o uso de instrumentos, o

comportamento social, os eventos mentais; nada disso estabelece, realmente, de forma convincente, a separação entre o humano e o animal" (HARAWAY, 2009, p. 40).

Embora Jones não seja considerado humano segundo as categorias hierarquizantes atacadas por Haraway, fica evidente na história que ele não é tratado de forma pior por ser um animal "irracional"; tanto quanto os humanos, frequentemente (ab)usados pelas forças armadas, ele fora vítima da marinha, que o transformara num ciborgue para ser utilizado durante a guerra, além de tê-lo viciado em drogas de forma a subjugá-lo. Como reflete Johnny, se por um lado ele é mais do que um golfinho, por outro, ele é menos, sob a perspectiva de outro golfinho, assim como um humano consideraria um ciborgue, que é e não é um semelhante; daí a confusão de categorias discutida por Haraway. Corroborando esse aspecto, a pesquisadora argentina Paula Sibilía cita o sociólogo português Hermínio Martins:

[...] a tecnociência contemporânea redefine as antigas fronteiras, "rediferencia, desdiferencia e re-estratifica a cadeia pré-existente de seres naturais como matéria puramente manipulável", afirma Hermínio Martins. Subvertida a velha prioridade do orgânico sobre o mecânico, impõe-se o que Martins denomina "a agenda da demiurgia tecnológica atual", da qual faz parte "a criação de novas tecnoespécies, envolvendo várias combinações do orgânico e do inorgânico, do natural e do artificial, do humano e do não-humano". (SIBILIA, 2001, p. 7)

O conto de Gibson está repleto dessas ditas tecnoespécies: além de Jones, Johnny e Molly (a qual abordaremos em breve), há o personagem Dog, pertencente ao grupo dos Lo Teks (versão diminuta de low technology), que, como o nome já indica, literaliza essa combinação entre homem e animal, natural e artificial:

"Moll." Os dentes aumentados cirurgicamente prejudicavam a fala. Um fio de saliva pendia de seu lábio inferior. "Ouvi vocês chegando. Já faz tempo." Ele devia ter uns 15 anos. Mas os gigantescos caninos e o brilhante mosaico de cicatrizes combinados ao alvéolo dental escancarado resultavam numa máscara que era pura bestialidade. Foram necessários tempo e um bocado de criatividade para montar um rosto como aquele. **E a sua postura indicava que ele gostava de viver por trás daquela fachada.** (GIBSON, 2003, p. 15, grifo meu)

Um verdadeiro híbrido de homem e cachorro, Dog adquire essa condição por meio de intervenções cirúrgicas, sendo, dessa maneira, também um ciborgue; como diz Haraway, "o ciborgue aparece como mito precisamente onde a fronteira entre o humano e o animal é transgredida" (HARAWAY, 2009, p. 41). Em sua utopia, os ciborgues não assinalam uma barreira entre as pessoas e os outros seres vivos, e sim um acoplamento perturbador e prazerosamente estreito entre eles. A alegoria do ciborgue possibilita repensar esses dualismos que justificam a exploração de outras espécies e mesmo a da espécie humana por ela própria (i.e., escravidão, subjugação da mulher, de povos não brancos et cetera). O leitor tem a possibilidade de reavaliar essas dicotomias natural-artificial, humano-animal e opressor-oprimido, ao se deparar com um personagem cujo paradigma não mais as valida. Esse parece ser o caso de Dog, considerando sua voluntariedade e satisfação em contribuir, mesmo que inconscientemente, para o embaçamento dessas categorias, vide o trecho grifado na citação acima. Para uma mentalidade ocidental que ainda reproduz o modelo do século XIX que equaciona alteridade / animalidade a monstruosidade, Dog pode ser considerado um freak, uma aberração, um monstro. Mas, embora o narrador também o identifique assim, Dog não se diferencia dos outros Lo Teks, que também adotam o visual híbrido bestial; na

verdade, o que pode ser primeiramente considerado anormal nada mais é do que o padrão no contexto desse grupo de personagens.

Os chamados Lo Teks são um grupo que habita o submundo de Nighttown, vivendo à margem da sociedade. A despeito de como eles são chamados, o narrador, acostumado a frequentar círculos sociais mais elevados, tece a seguinte reflexão: "Me pergunto por que os transplantes de dentes de Dobermann passaram a ser considerados de baixa tecnologia. Imunossupressivos não nascem em árvores" (GIBSON, 2003, p. 15) . Embora a atividade dos Lo Teks não seja explicitada no conto (Johnny chega à conclusão de que são contrabandistas, baseado apenas nos cigarros contrabandeados que ele os vê fumando), o filme os retrata de forma mais definida, como o discurso do personagem J-Bone, também Lo Tek, evidencia:

Nós trabalhamos para Spider e seu grupo, e para qualquer um que esteja lutando contra o sistema. [...] Aqui é onde nós nos defendemos. Removemos as fotografiazinhas bonitas do seu universo de 500 canais, recontextualizamos, aí cuspiamos a porcaria de volta para eles. Dados especiais. Coisas que vão ajudar as pessoas, como as que conseguimos com Spider. Nós ampliamos o sinal. Transmitimos. Em escala global. Disseminamos através dos satélites que Jones invade.

Os Lo Teks do filme, assim, demonstram características próximas das defendidas por Haraway como necessárias para mudar a realidade social. Excluídos da sociedade urbana de classe média, eles fazem uso da tecnologia digital utilizada na corporativização do mundo contra o próprio sistema corporativo. Eles são ciberpiratas, hackers – ou melhor, hacktivistas (HACKer aTIVISTAS) –, e dominam os meandros do conhecimento científico que é usado para oprimi-los (i.e., a linguagem da informática),

de modo a descentralizar o poder de seus opressores. Sua interface com a máquina os tornam ciborgues e é assim que eles são capazes de afetar o mundo em que vivem. Os Lo Teks rompem com o dualismo entre homem e máquina, um dos muitos que têm sido persistentes na tradição do pensamento ocidental, de acordo com Haraway, "e eles têm sido essenciais à lógica e à prática da dominação sobre as mulheres, as pessoas de cor, a natureza, os trabalhadores, os animais – em suma, a dominação de todos aqueles que foram constituídos como outros e cuja tarefa consiste em espelhar o eu [dominante]" (HARAWAY, 2009, p. 90). A partir dessa ruptura, esses hacktivistas são capazes de resistir ao poder dominante e de propiciar opções de resistência para aqueles que também estão insatisfeitos com ele, como é o caso de Johnny, que se encontra no meio de uma disputa corporativa que tem como prêmio sua cabeça, ou os dados nela armazenados.

O narrador do conto "Burning Chrome", Automatic Jack, também é um hacker. Ele trabalha com seu parceiro Bobby Quine, também hacker. Jack cuida do hardware; Bobby, do software:

Bobby era um cowboy. Bobby era um arrombador de cofres, um invasor que sondava o sistema eletrônico estendido da humanidade, roubando dados e crédito na matriz lotada, o não espaço monocromático no qual as únicas estrelas são densas concentrações de informação, e muito acima do qual queimam galáxias corporativas e os braços frios e espiralados dos sistemas militares. (GIBSON, 2003, p. 181)

Ambos os personagens possuem trabalhos ilícitos, e a passagem acima realça a natureza transgressora de suas atividades, mesmo que eles as encarem como apenas um ganha-pão, não sendo evidente traço algum de ativismo em suas personalidades. Jack,

inclusive, expressa uma espécie de desabafo: "Nós dois éramos bons no que fazíamos, mas por algum motivo não conseguíamos tirar a sorte grande" (op.cit.) . Além disso, ele se descreve como "o tipo de cara que fica feliz tendo dinheiro para pagar o aluguel e uma camisa limpa para vestir" (GIBSON, 2003, p. 182) ; já Bobby é descrito como alguém que "tinha uma coisa pelas mulheres, como se elas fossem seu tarô pessoal ou algo do tipo, eram a forma como ele conseguia prosseguir" (op.cit) . Assim como Johnny, Jack é um ciborgue, possui um braço mioelétrico. Embora não tenha próteses corporais, Bobby é um perito em programação e sua identidade está estreitamente ligada à máquina, então podemos considerá-lo como um ciborgue também. No entanto, os três personagens habitam um tempo no qual ser ciborgue já virou a norma, visto que praticamente todos os personagens no universo dos contos têm essa característica. Ainda assim, tanto Johnny quanto Jack e Bobby vivem às margens da sociedade, de certa forma: a natureza de suas atividades os coloca em contato com o submundo, onde eles se encontram à mercê das mais variadas ameaças.

Pelo menos a princípio, entretanto, esses hackers (Jack e Bobby) e o ciborgue (Johnny) se diferenciam dos Lo Teks do filme Johnny Mnemonic, pois eles não parecem usar seu conhecimento tecnológico para desarticular conscientemente uma figura corporativa que os oprime. Mesmo assim, é interessante notar que o Johnny do conto, ao final da narrativa, parece ter sido seduzido pelo estilo de vida menos conservador dos Lo Teks, adotando, inclusive, o visual híbrido bestial como parte de sua identidade:

[...] Eu já não pareço muito com Eddie Bax hoje em dia. Deixei Molly cuidar disso, com um anestésico local. E meus novos caninos estão nascendo.

Decidi ficar aqui em cima. Quando olhei para o outro lado da Plataforma da Morte, antes de ele chegar, percebi o quão oco eu era. Eu sabia que não suportava mais ser um recipiente. Então agora eu desço para visitar Jones quase toda noite. (GIBSON, 2003, p. 22-23)

Eddie Bax era um pseudônimo que Johnny usava no início da história e, como fica evidente no trecho acima, sua identidade visual já é outra ao fim da história. Há uma passagem de tempo, um ano, e não apenas sua aparência, mas também sua mentalidade já é outra: ele é capaz de constatar o vazio de sua vida anterior, na qual era basicamente um dispositivo de armazenamento, um brinquedo nas mãos de corporações e máfias. Assim, ao tomar responsabilidade sobre sua identidade ciborgue, Johnny é capaz de tomar as rédeas de sua memória (tema a que retornaremos mais adiante) e mudar o mundo tecnológico no qual se insere.

### **3. Not Stepford Wives , badass female cyborgs: Representações Femininas Ciborgues**

Além do dualismo natural-artificial inerente à figura do ciborgue, outros dois ganham proeminência quando examinamos as representações femininas ciborgues em "Johnny Mnemonic": os binômios masculino-feminino e humano-animal. As personagens femininas do conto são construídas de modo bastante peculiar: há Molly Millions, que é contratada por Johnny como guarda-costas, e as Cadelas Magnéticas (The Magnetic Dog Sisters), como são chamadas as seguranças do estabelecimento onde ele comparece para uma reunião profissional no início da história. Sobre elas, Johnny narra:

[...] **As Cadelas Magnéticas tomavam conta da porta naquela noite e não me agradava a ideia de passar por elas caso as coisas dessem errado e eu precisasse fugir correndo.** Elas tinham dois metros de altura e eram magras como galgos. Uma era branca; a outra, negra, mas, fora essa diferença, eram tão idênticas quanto a cirurgia plástica permitisse. Haviam sido amantes durante vários anos e eram boas de briga. Eu nunca lembrava ao certo qual das duas havia nascido homem. (GIBSON, 2003, p. 1-2, grifo meu)

E Molly pareceu liberar algo, algo que vinha de dentro, e esse foi o verdadeiro início de sua dança do cachorro louco. Ela pulava, rodopiava, arremetia para os lados e pousava ambos os pés sobre um bloco de motor de liga metálica conectado diretamente a uma das molas. (GIBSON, 2003, p. 21)

Os trechos acima são reveladores no que tange às rupturas de dois dualismos perversos criticados por Donna Haraway: humano-animal e homem-mulher. A associação das personagens a animais as aproxima de uma identidade não exclusivamente humana e, portanto, híbrida: as Cadelas Magnéticas são "magras como galgos" e Molly executa uma "dança do cachorro louco", que é como Johnny descreve seus movimentos durante uma luta contra um adversário. Além disso, há também a subversão da figura do guarda-costas / segurança: essas personagens femininas ciborgues possuem a força física que é pré-requisito para essa profissão, associada geralmente ao gênero masculino na tradição patriarcal ocidental. No entanto, essa característica física não é contraposta à feminilidade: como verificamos no trecho grifado acima, Johnny não deixa de sentir receio de confrontar as Cadelas Magnéticas, independentemente de seu gênero. Há menção, inclusive, ao caráter transexual de uma das duas, que havia sido designada

como homem em seu nascimento. Uma das ideias seminais de Haraway é a de que o ciborgue está fora da história da salvação, ou seja, ele

não espera que seu pai vá salvá-lo por meio da restauração do Paraíso, isto é, por meio da fabricação de um parceiro heterossexual, por meio de sua complementação em um todo, uma cidade e um cosmo acabados. (HARAWAY, 2009, p. 39)

As Cadelas Magnéticas, dessa forma, posicionam-se do lado externo de uma "narrativa de origem", no sentido ocidental, visto que passam de um casal heterossexual (passível de restaurar uma inocência perdida) a duas pessoas de mesmo sexo. O dualismo masculino-feminino, por conseguinte, é partido quando o outro, que se contraporía ao eu, desaparece.

A personagem da guarda-costas Molly Millions, além de ter seus movimentos associados aos de um cão louco, também transgride expectativas quanto ao corpo e à função feminina. Também uma ciborgue, com lentes implantadas nas cavidades oculares e lâminas sob as unhas, ela se torna guarda-costas de Johnny e protagoniza as cenas de luta contra algozes masculinos, incluindo um assassino da máfia japonesa Yakuza. Molly agrega elementos tanto masculinos quanto femininos ao seu comportamento e à sua identidade visual:

E ela mostrou-me as mãos, os dedos levemente afastados. Eram esguios, finos e muito brancos, contrastando com as unhas pintadas de esmalte vinho. Dez lâminas saltaram dos recessos sob suas unhas: cada lâmina era um pequeno bisturi de dois gumes em aço azul claro. (GIBSON, 2003, p. 8)

Por meio da tecnologia cirúrgica, Molly é capaz de aperfeiçoar seu corpo de modo a se tornar mais hábil no submundo pós-apocalíptico que habita. Seu corpo tecnologicamente aprimorado porta signos associados culturalmente à feminilidade (como mãos esbeltas, unhas pintadas), mas, por baixo dessa superfície aparentemente inofensiva, há armas letais: suas garras de aço, outra associação à animalidade.

Os corpos híbridos dessas ciborgues celebram a experiência de fronteira defendida por Donna Haraway. Ao agregarem signos tanto masculinos quanto femininos, tanto animais quanto humanos, às suas identidades híbridas, elas vestem as rupturas dos dualismos masculino-feminino, humano-animal e, obviamente, natural-artificial, pois enfim são ciborgues. Naturalmente, quando Haraway conclama as mulheres a aceitarem suas identidades ciborgues, ela não as está estimulando a virar híbridos literais como Molly e as Cadelas Magnéticas, mas essas representações femininas simbolizam até certo ponto o que a bióloga sugere. Por outro lado, não é impossível que outras interpretações aleguem que essas representações são bestiais e masculinizadas, mas há de ser ter em mente as construções de gênero ao longo dos séculos e como elas costumam passar ao longe de características fisiológicas do homem e da mulher. Não podemos negligenciar o fato de as ciborgues do conto estarem inseridas na esfera pública, e não na esfera privada. O sociólogo Immanuel Wallerstein argumenta como, no século XIX, o machismo promoveu a exclusão da mulher do mercado de trabalho de forma a manipular as massas populares que exigiam mais privilégios:

O que o machismo envolveu, como uma ideologia explícita, foi a criação e a santificação do conceito da dona de casa. As mulheres sempre trabalharam, e a maioria dos domicílios tinha sido historicamente patriarcal. Mas o que ocorreu no século

dezenove foi algo novo. Representou uma séria tentativa de excluir as mulheres daquilo que seria definido, arbitrariamente, como trabalho que produzia renda. A dona de casa foi colocada como parceira do provedor masculino da família com uma única renda. O resultado não foi tanto que as mulheres passaram a trabalhar mais ou em tarefas mais difíceis, mas que seu trabalho passou a ser sistematicamente desvalorizado. (WALLERSTEIN, 2003, p. 35)

As personagens ciborgues do conto de Gibson estão em total desacordo com a representação da mulher como dona de casa: embora elas ainda exibam traços culturalmente femininos em sua identidade visual, sua feminilidade não está atrelada às funções da esfera privada, tradicionalmente vistas como femininas. Ao atuarem em profissões belicosas, culturalmente consideradas masculinas por exigirem força bruta, tanto Molly quanto as Cadelas Magnéticas estão subvertendo o chamado "machismo patriótico" citado por Wallerstein, pois, enquanto a santificação da dona de casa era um recurso para manipular a massa feminina no século XIX, "a proposição de que o serviço militar era um atributo essencial dos cidadãos do sexo masculino" (WALLERSTEIN, 2003, p. 37) foi usada para manipular a massa masculina. Não podemos deixar de lembrar que, na década de 1980, quando Gibson escreveu o conto, os Estados Unidos passavam por um momento de grande conservadorismo sob o governo Reagan, e a imagem pública de dona de casa perfeita da primeira-dama Nancy Reagan, responsável por notórias campanhas antidrogas e contra a relação sexual antes do casamento, contribuía com a propagação dessa ideologia machista.

Ao irem de encontro aos estereótipos de gênero e de identidade tradicionalmente estabelecidos, as ciborgues de "Johnny Mnemonic", filhas bastardas "do militarismo e do capitalismo patriarcal" (HARAWAY, 2009, p. 40), estão permeadas pela utopia de

Haraway de que "um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias" (HARAWAY, 2009, p. 46). De fato, há uma busca consciente dos personagens do conto (tanto os femininos, quanto os masculinos) pela hibridização – eles não apenas não parecem reconhecer o ímpeto de restauração a uma inocência original, como também celebram a experiência íntima de fronteira, de vazamento de categorias, acoplando fragmentos outros à sua identidade com o auxílio da tecnologia.

#### **4. Memória e corpo-informação**

O tema da memória, já anunciado no título de "Johnny Mnemonic" (e do filme homônimo), dialoga com a terceira quebra de fronteira apontada por Haraway, entre o físico e o não físico, e com o aspecto da virtualidade discutido pela pesquisadora argentina Paula Sibilia. No filme de Robert Longo, cujo roteiro foi escrito pelo próprio William Gibson, a personagem Anna Kalmann, fundadora e diretora-executiva da multinacional farmacêutica PharmaKom (que contrata os serviços de mensageiro de Johnny), aparece apenas como uma inteligência artificial impressa na rede neural da corporação, "um fantasma na máquina" , nas palavras do personagem Takahashi. A existência corporal de Kalmann havia chegado ao fim alguns anos antes, mas sua consciência fora armazenada no mainframe da PharmaKom, de onde ela orientava o conselho de diretores. Dessa forma, ela existe como memória consciente, inclusive reconhecida por lei: a secretária de Takahashi o informa de que "a persona [de Kalmann] em rede neural possui cidadania suíça, sob as leis de inteligência artificial de 2006" . Nesse estado informático de existir, Kalmann transita por todo o sistema da

PharmaKom e também pela internet, aparecendo em monitores conectados à corporação, como um fantasma, de fato.

Para Haraway, “[a] maquinaria moderna é um deus irreverente e ascendente, arremedando a ubiquidade e a espiritualidade do Pai” – ela está se referindo à miniaturização, que mudou nossa percepção sobre a tecnologia, afinal os "dispositivos microeletrônicos [...] estão em toda parte e são invisíveis" (HARAWAY, 2009, p. 43). Há uma certa aproximação com a personagem de Kalmann, pois a invisibilidade de sua existência virtual lhe dá acesso a áreas privilegiadas que contêm informações antes desconhecidas dela. Todavia, quando ela se torna uma ameaça aos interesses econômicos da corporação, sua existência artificial é também interrompida, é deletada ("Agora eles me apagam, me eliminam dos mainframes. Uma memória após a outra."), porque ela, também, é informação. Sibilia diz que "o corpo humano hoje é entendido como 'informação'." Em oposição ao modelo mecânico do corpo-máquina da era industrial, surge agora o corpo-informação:

o corpo humano hoje é entendido como “informação”: ele é um “banco de dados”, um “código”, um conjunto de instruções programáveis [...]. Nosso corpo é um sistema capaz de processar informações; apenas um, dentre vários outros com os quais ele coexiste e interage. Nesse sentido, o corpo humano também pode sofrer upgrades, pois as criações tecnocientíficas prometem libertá-lo dos seus limites biológicos, obsoletos, superando assim a sua organicidade animal para se tornar mais compatível com o tecnocosmos que o circunda. (SIBILIA, 2001, p. 8)

Tanto essa invisibilidade, proporcionada pela miniaturização, quanto a virtualidade do corpo-informação estão relacionados à memória, simbolizada pela imagem do chip, que pode ser usado como dispositivo de armazenamento, como no caso de Johnny.

A memória do protagonista de "Johnny Mnemonic" é tratada de formas diferentes no conto e no filme. No filme, suas memórias pessoais são apagadas para que haja mais espaço de armazenamento; no conto, ele retém suas próprias memórias, embora passe a ter acesso às informações de antigos clientes armazenadas em seu chip, com a ajuda do golfinho cibernético Jones: "estamos aprendendo muito a respeito de meus ex-clientes. E um dia pagarei para um cirurgião retirar todo o silício que está nas minhas amídalas cerebrais e passarei a viver apenas com as minhas próprias memórias, como todo mundo. Mas por enquanto continuarei assim" (GIBSON, 2003, p. 23).

Embora precise lidar com todas essas memórias em sua mente, Johnny parece não ver problema nisso, haja vista sua falta de pressa em se livrar delas. Esses fragmentos de memórias alheias, ou fragmentos mnemônicos, constituem a pluralidade ou a confusão de uma zona de fronteira, e a habilidade de Johnny de transitar por essas áreas de limites embaçados, seja mental, seja corpóreo, é que o faz ser de fato o ciborgue Johnny Mnemonic. Ele usa não apenas sua memória orgânica original, como também sua memória artificial para se relacionar com o tecnocosmos no qual ele se insere. Ele não só é um ciborgue literalmente falando, como também na acepção utópica de Haraway, estando na fronteira ilusória "entre a ficção científica e a realidade social" (HARAWAY, 2009, p. 36).

Quanto ao tema do corpo-informação discutido por Sibilía, uma personagem que chama a atenção no conto "Burning Chrome" é Chrome, cujo banco de dados é invadido pelos hackers Jack e Bobby. Automatic Jack a descreve da seguinte forma:

Chrome: eu a havia visto meia dúzia de vezes no Gentleman Loser. Talvez ela tivesse ido ver como vivem os seres inferiores, ou dando uma olhada na condição humana, uma condição à qual ela não aspirava exatamente. Um lindo rosto em formato de coração enquadrando o par de olhos mais sórdido que você já viu. Pelo que todos lembravam, ela parecia ter quatorze anos desde sempre, e seu metabolismo não era nada próximo ao normal, viciada como era num programa pesado de soros e hormônios. Ela era uma das pessoas mais repulsivas que as ruas já haviam produzido, mas ela não pertencia mais às ruas. Chrome agora era um dos Mandachucas, uma integrante de boa reputação da filial local da Máfia. O boato que corria é que ela havia começado como traficante, na época em que hormônios pituitários sintéticos ainda eram proibidos. Mas ela não precisava mais traficar hormônios havia muito tempo. Agora ela era proprietária da Casa da Luz Azul. (GIBSON, 2003, p. 192)

Esse estabelecimento do qual Chrome é proprietária é descrito como uma espécie de prostíbulo, o qual Jack admite ter frequentado uma vez. Assim como Molly e as Cadelas Magnéticas, de "Johnny Mnemonic", Chrome habita o submundo, sendo, inclusive, influente dentro dele. Embora ela não pareça ter sofrido intervenções cirúrgicas como as outras personagens, um aspecto é muito evidente nas várias referências a ela no decorrer da narrativa: seu caráter de corpo-informação. Referências como as de cima deixam embaçada a imagem que o leitor tenta fazer da personagem. Num primeiro momento, poderíamos pensar se tratar de uma inteligência artificial ("dando uma olhada na condição humana"), mas, embora haja passagens (poucas) que fazem referência à corporalidade de Chrome, o texto parece configurado com referências à sua figura informacional. De fato, para o narrador e seu parceiro, ambos hackers, ela é vista principalmente por essa perspectiva e apenas se torna um alvo vantajoso para eles

devido ao seu caráter de corpo-informação. Jack narra a experiência de infiltrar o sistema de Chrome:

Incorpóreos, deslizamos dentro do castelo de ice de Chrome. E estamos nos movendo rápido, bem rápido. Parece que estamos surfando na crista do programa invasor, tirando onda nos frenéticos sistemas de falha enquanto eles se transformam. Somos fragmentos conscientes de óleo vasculhando os corredores de sombra.

Em algum lugar temos corpos, muito longe, num apartamento lotado coberto por aço e vidro. Em algum lugar temos microssegundos, talvez tempo restante para cair fora. (GIBSON, 2003, p. 184)

Devido ao vírus que contamina o banco de dados de Chrome, os hackers são capazes de se metamorfosear e não são reconhecidos pelo sistema, podendo realizar todas as transações de informação que planejaram. Ao final do procedimento, Jack narra: "Conseguimos. [...] E o apartamento cheira a suor e circuitos queimados. Achei ter ouvido o grito de Chrome, um som metálico áspero, mas não eu poderia ter ouvido" (GIBSON, 2003, p. 200) . A última frase ilustra claramente a ambiguidade com que é tratada a personagem pelo narrador, que praticamente a considera uma inteligência artificial. No entanto, é interessante notar que esse caráter ambíguo é refletido também na hesitação do personagem Jack em prosseguir com o ataque a Chrome – seja ela o que for, ele não vê motivos para fazê-lo:

[...] Ainda não sei por que concordei, para começar; eu tinha medo de Chrome, além disso nunca tive tanta vontade assim de ficar rico.

Tentei me convencer de que era uma boa ideia detonar a Casa da Luz Azul, porque o lugar era uma espelunca de tipos esquisitos, mas eu não conseguia. Eu não gostava da Casa da Luz Azul, porque eu tinha passado uma noite muito deprimente lá uma vez, mas isso não era desculpa para ir atrás de Chrome. (GIBSON, 2003, p. 197-198)

Seja Chrome um ciborgue, seja ela humana, seja ela uma inteligência artificial, Jack a vê como um semelhante: assim como ele pode se transformar em informação e penetrar complexos sistemas de dados, ela também pode fazê-lo. No contexto do conto, a realidade virtual é tão palpável quanto a realidade física, como o narrador deixa claro ao final da narrativa: "Eu pensei sobre Chrome, também. Que nós a matamos, nós a assassinamos, tanto quanto se tivéssemos rasgado sua garganta" (GIBSON, 2003, p. 202) . O corpo-informação se torna, assim, tão vulnerável ou mais do que o corpo-máquina que o precedeu. Como narra Johnny Mnemonic,

[...] Nós somos uma economia informacional. Aprendemos isso na escola. O que não aprendemos é que é impossível se movimentar, viver, operar em qualquer nível sem deixar rastros, partículas, fragmentos aparentemente insignificantes de informação pessoal. Fragmentos que podem ser recuperados, expandidos... (GIBSON, 2003, p. 17)

Hoje mais do que nunca, estamos vivendo a realidade descrita acima, o que nos deixa muito vulneráveis por um lado, mas, por outro lado, nos deixa muito poderosos, se conseguirmos dominar essa linguagem usada para nos controlar e vigiar e aplicá-la contra o Big Brother que cerceia nossa liberdade individual, assim como Caliban, personagem de Shakespeare de A Tempestade, que precisou aprender a língua do

colonizador para usá-la contra o seu opressor. É nesse contexto que a alegoria do ciborgue de Haraway se mostra útil, visto que, a partir dessa figura meio cibernética, meio orgânica, ela constrói uma teoria feminista-socialista que pode ajudar as mulheres e todas as pessoas a repensarem suas relações com os dualismos propagados por uma sociedade patriarcal que as tolhe e oprime. Para tanto, ela sequestra o ciborgue de seus pais ilegítimos e o aprimora:

O ciborgue de Haraway não é clássico. Para ela, o ciborgue é um objeto teórico que não necessita de um corpo "esquizofísico", assim como Turing considerava uma máquina como um conjunto de operações, relações e algoritmos, e não necessariamente um objeto físico. [...]. Haraway pretende salvar o ciborgue de seu papel neurótico nos sonhos de poder high-tech e da tecnofobia dos humanistas. Seu ciborgue é uma construção teórica de última geração: simultaneamente objeto e sujeito, sem gênero, sem espécie, sem reino até, e por isso livre das narrativas de poder e da dialética convencionais. (CSICSERY-  
RONAY, 1991, p. 9)

Nasce assim uma criatura híbrida, parte ficção científica, parte realidade social, nem tecnofóbica, nem tecnófila: a figura ambígua do ciborgue, e, por extensão, do hacker. A narrativa de William Gibson, povoada por personagens do submundo inseridos num contexto de alta tecnologia, profetizou muitas das questões que assombram a sociedade nos dias atuais. Os seus ciborgues, embora mais literais, espelham muitas das discussões propiciadas pelo ciborgue de Haraway: as relações dos humanos com a máquina, com o animal e com a corporalidade estão constantemente em xeque. O ciborgue da bióloga e os ciborgues, hackers e hacktivistas do escritor formam uma matriz de resistência necessária no atual período histórico, quando "a necessidade de uma unidade entre as

peças que estão tentando resistir à intensificação mundial da dominação nunca foi tão urgente" (HARAWAY, 2009, p. 15). O apocalipse pode, enfim, estar próximo, mas ele não precisa significar o fim do mundo ou da humanidade. O apocalipse pode ser uma revelação, um despertar para uma nova era, uma era sem fronteiras territoriais nem corporais, uma era capaz de gerar, quem sabe, uma nova espécie: uma "ciberespécie".

## Referências

- CSICSERY-RONAY, Jr., Istvan. **The SF of Theory: Baudrillard and Haraway**. Science Fiction Studies, v.18, n.55, part 3, 1991. Disponível em: <<http://www.depauw.edu/sfs/backissues/55/icr55art.htm>>. Acessado em: 14 de dezembro de 2014>
- GIBSON, William. **Burning Chrome**. 1.ed. Nova York: Eos, 2003. 204 p.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 126 p.
- JOHNNY Mnemonic. Direção: Robert Longo. Produção: Don Carmody. Intérpretes: Keanu Reeves, Dina Meyer, Takeshi Kitano e outros. Roteiro: William Gibson. 103min. EUA: TriStar Pictures.
- SIBILIA, P. Rumo à imortalidade e à virtualidade, a construção científico-tecnológica do homem pós-orgânico. Anais do **24o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Campo Grande/MS, setembro 2001 [cd-rom]. São Paulo, Intercom/Portcom: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP8SIBILIA.PDF>>. Acessado em 14 de dezembro de 2014.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **Utopística: ou, As decisões históricas do século vinte e um**. 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 119 p.